



RESILIÊNCIA: ENFERMEIROS NA ÁREA ONCOLÓGICA PEDIÁTRICA

Resilience: Nurses in Pediatric Oncology

Dayane Vidal
de Vasconcelos

Lauriene
Figueredo Araujo

Márcia
S.P.Maia

Orientador: Ms. Ábia
Matos de Lima

Resumo: Este trabalho, de forma reflexiva, busca abordar a resiliência dos enfermeiros que atuam na oncologia pediátrica, considerando os desafios emocionais envolvidos no cuidado de pacientes em situações de vida e morte. O objetivo principal é analisar como os enfermeiros desenvolvem estratégias de enfrentamento emocional ao lidar com a brevidade da vida em pacientes oncológicos. O estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica de artigos que discutem o cuidado humanizado e a resiliência na enfermagem, além de explorar a relação entre a morte e o sofrimento na prática profissional. Os resultados indicam que os enfermeiros desenvolvem resiliência por meio de apoio, enfrentando desafios para equilibrar o envolvimento emocional com o paciente e o autocuidado. Conclui-se que um cuidado holístico, que leve em consideração tanto o paciente quanto o enfermeiro, é essencial para um trabalho eficaz e sustentável na oncologia pediátrica.

Palavras-chave: Resiliência; Enfermagem na oncologia pediátrica; Brevidade da vida; Cuidado humanizado; Enfrentamento emocional.

Abstract: This reflective work aims to address the resilience of nurses working in pediatric oncology, considering the emotional challenges involved in caring for patients in life-and-death situations. The main objective is to analyze how nurses develop emotional coping strategies when dealing with the brevity of life in oncology patients. The study is based on a literature review of articles discussing humanized care and resilience in nursing, as well as exploring the relationship between death and suffering in professional practice. The results indicate that nurses develop resilience through support, facing challenges to balance emotional involvement with the patient and self-care. It concludes that a holistic approach, considering both the patient and the nurse, is essential for effective and sustainable work in pediatric oncology.

Resilience; Nursing in pediatric oncology; Brevity of life; Humanized care; Emotional coping.

1 INTRODUÇÃO

“Conceituar resiliência pode não ser uma tarefa simples, visto que muitas vezes envolve outros conceitos que carecem de uma definição clara. Todavia, de modo geral, resiliência é a capacidade de superar adversidades.” (Taboada 2006).

A partir dessa definição inicial, percebe-se que a resiliência é a capacidade do indivíduo de se recuperar e lidar de forma positiva com a adversidade. Nesse contexto, observamos que o conceito de resiliência abrange outros elementos, como suporte, fatores e características que definem o processo resiliente (Taboada). Essa capacidade torna-se particularmente relevante em contextos de grande sofrimento, como o cuidado a pacientes oncológicos, especialmente as crianças.

De modo geral, o ser humano – leigos e profissionais da saúde – não estão preparados para lidar com a finitude da vida. Quando tratamos de doenças como as neoplasias malignas, automaticamente é instaurado temor no imaginário. A dificuldade de controle e a letalidade da doença marcaram profundamente sua história.

De acordo com Wakiuchi et al (2020) até mesmo a palavra câncer é reprimida por alguns pacientes, numa tentativa de negar ou afastar-se do sofrimento que a doença traz. “Depois do diagnóstico, mudanças expressivas na vida do paciente instalam-se, de forma que questionamentos sobre o adoecimento, a vida e a morte passam a tomar conta de seus pensamentos de forma crescente, tornando-se mais significativos à medida que os tratamentos são instaurados (Wakiuchi et al, 2020)”.

Desta forma, é inegável a forte relação entre o câncer, a morte e o sofrimento. Afirma-se assim, que a morte é inevitável e iminente, sendo frequentemente vista como uma ameaça à sociedade contemporânea, que busca afastá-la do convívio cotidiano numa tentativa de preservar a vida. “Françoso (1996) diz que, no entanto, em determinadas situações, como na oncologia pediátrica, ela se apresenta de forma constante e inescapável.” Não há como ocultá-la quando se lida diariamente com crianças gravemente enfermas, para as quais a vida e a morte se entrelaçam de maneira dolorosa. Essa realidade desafia não apenas os pacientes e suas famílias, mas também os profissionais de saúde.

É digno de um considerável destaque os enfermeiros, que estão na linha de frente do cuidado aos pacientes. Diante dessa realidade, surge a necessidade de refletir sobre a resiliência dos enfermeiros na ala oncológica pediátrica.

Desde o início da formação em enfermagem, enfatiza-se a importância do cuidado holístico, que abrange não apenas os aspectos físicos, mas também emocionais, psicológicos e espirituais do paciente. Na oncologia pediátrica, essa abordagem torna-se ainda mais crucial, pois o enfermeiro é chamado a oferecer um cuidado profundamente empático e humanizado.

“Como pontua Santos et al (2013), para que esse cuidado seja verdadeiramente eficaz, os enfermeiros precisam confrontar suas próprias questões em torno da morte, da perda e da espiritualidade. Somente assim poderão oferecer suporte integral às crianças e suas famílias, enquanto também preservam sua própria saúde mental e emocional (Françoso, 1996).”

Com esses desafios em vista, o presente estudo busca investigar como os enfermeiros que atuam na oncologia pediátrica desenvolvem e aplicam a resiliência em seu dia a dia, além de explorar o suporte emocional e profissional que recebem para lidar com a morte e o sofrimento. O problema da pesquisa reside em compreender como o preparo técnico e psicológico afeta a capacidade desses profissionais de enfrentar as adversidades cotidianas.

O objetivo geral é propor estratégias eficazes que incluem programas de saúde mental, treinamento em gestão de estresse, condições de trabalho seguras, horários de trabalho flexíveis e educação continuada, visando melhorar o suporte aos enfermeiros e contribuir para um ambiente de trabalho que favoreça seu bem-estar emocional, resultando em um cuidado mais humanizado.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo é uma reflexão baseada em revisão bibliográfica de artigos que discutem o cuidado humanizado e a resiliência na enfermagem oncológica pediátrica, além de explorar a relação entre a morte e o sofrimento na prática destes profissionais. Pesquisa de caráter qualitativo visando assim soluções que podem sim ser aplicadas na prática cotidiana.

3 DESENVOLVIMENTO

“A resiliência é a possibilidade de quebrar previsões e expectativas da continuidade dos problemas (Silva, Elsen, Lacharite, 2003).” “Sendo a resiliência a capacidade de lidarmos e re-significamos situações estressantes de modo que estressor deixe de ser encarado como” (Taboada, Legal, Machado, 2006). De acordo com os autores, quais situações capacitaria o indivíduo a lidar de maneira mais satisfatória com futuro estresse, pois semelhantes situações de sofrimento ou conflito, podem fortalecer o indivíduo no enfrentamento.

Pinheiro (2004) afirma que a resiliência é o manejo das circunstâncias adversas, internas e externas, que estão sempre presentes ao longo do desenvolvimento humano. A autora conclui que “a capacidade de amar, trabalhar, ter expectativas e projetos de vida – e, conseqüentemente, dar sentido à nossa existência – constitui a base sobre a qual as habilidades humanas se apoiam para serem utilizadas diante das adversidades da vida, que todos nós, em maior ou menor intensidade, inevitavelmente enfrentaremos” (Pinheiro, 2004, p. 75).

É axiomático salientar, que de acordo com Silva, Elsen, Lacharité (2003) o conceito de resiliência não deve ser usado de forma ingênua, depositando sobre terceiros, a responsabilidade para resolver problemas cuja solução pode está aquém de nossos limites de competência. Mas de toda forma, também afirmam que o potencial contido no conceito não deve servir para isentar da responsabilidade àqueles que deveriam trabalhar para gerar as condições necessárias.

Corroborando com este pensamento, Pinheiro (2004), afirma que a resiliência não é um atributo fixo, podendo haver mudanças ao longo do tempo, visto que “resiliência não é uma qualidade que nasce com o indivíduo e, ainda, é muito mais do que uma simples combinação de condições felizes”, sendo um assunto necessário para discussões não apenas pessoal e individual, mas também, familiar, institucionais e nos grupos, pois indivíduos podem responder de modos diferentes aos estímulos da adversidade.

Taboada, Legal, Machado (2006) afirmam que “não podemos falar de indivíduos resilientes, mas da capacidade do sujeito de, em determinados momentos e de acordo com as circunstâncias, lidar com a adversidade”, podemos então, encontrar a resiliência ora sendo resultado do processo resiliente, ora pelas suas habilidades e competências pessoais.

Desta forma, “não se é resiliente, mas apresenta-se conduta ou comportamento de resiliência” (Silva, et al, 2020). De acordo com os autores, não podemos desconsiderar que as situações adversas não são estáticas, estando sempre em constante mudança e requerendo de igual modo, mudança nas condutas, à medida que as condições se modificam. Silva et al (2020), diante disso, afirma que “o comportamento resiliente exige preparo, vivência e aprendizagem”.

Podendo, assim, a resiliência, não ser automaticamente preservada nas situações adversas e sofrimentos, mas, gerando capacidade de enfrentar, superar, transformar e aprender. Os autores afirmam, que o envolver-se com o paciente e seu trabalho, gera percepção de estar fazendo a

diferença na vida de seus pacientes, podendo assim, o enfermeiro, ser mais revigorado, dedicado e absorvido no seu trabalho, contribuindo para o seu bem-estar e para uma adaptação positiva.

O câncer é caracterizado por uma deterioração progressiva da saúde, levando ao comprometimento das funções. Devido a suas condições clínicas e complexidades terapêuticas, trata-se de uma doença temida, vista com discriminação, sempre associada à morte, desfiguração, deterioração do corpo, sofrimento e dor (Wakiuchi et al, 2020).

De acordo com Nascimento et al (2012) o câncer no Brasil é de grande impacto para morte no país, estando à época, como a segunda causa de mortalidade populacional.

Amador, et al (2011) diz que a estimativa para 2020 era que a mortalidade por câncer representaria 13,7%, ficando atrás apenas das doenças cardiovasculares. Em conformidade com Cunha, Rêgo (2015) o Brasil é classificado como segundo país da América Latina em que os portadores de

câncer mais sentem dor, sendo inadequado o controle efetivo da algia no tratamento, e “segundo a OMS dos cinco milhões de pessoas que morrem de câncer por ano, 80% morrem sem ter um controle devido da dor” (Cunha, Rêgo,

2015). Atualmente, a inviabilidade do câncer não é tão expressiva como outrora, tendo avanço significativo no diagnóstico e tratamentos, aumentando a vida dos pacientes de modo progressivo, todavia, mesmo sendo considerado uma doença normal pelos pacientes, ainda trás consigo o medo da morte e tratamento de difícil enfrentamento, sendo então um diagnóstico carregado de sentimentos para aqueles que o recebem, em maior grau entre já diagnosticados, mas carregado pela população em geral (Wakiuchi, et al,2020).

Em seu Samba da Benção, lançado em 1967, Vinicius de Moraes reflete sobre as dualidades da vida e a inevitabilidade da dor, trazendo uma perspectiva que pode ser aplicada também ao contexto da enfermagem oncológica pediátrica. Ele afirma: "É melhor ser alegre que ser triste, alegria é a melhor coisa que existe, é assim como a luz no coração". Esse contraste entre a alegria e a tristeza, presente tanto na arte quanto na vida, é uma realidade inescapável para os enfermeiros que cuidam de crianças com câncer. A dor e o sofrimento, inevitáveis, coexistem com momentos de esperança e de beleza, e os profissionais precisam aprender a equilibrar essas experiências em seu dia a dia, de maneira humanizada de acordo com as exigências emocionais da

profissão (Santos et al, 2013). Amador, et al (2011) diz que o cuidar na oncologia pediátrica é desafiante, pois requer mais que recursos materiais e terapêuticos específicos, é necessário uma equipe atenta para todo o compartilhar infantil. Os autores afirmam a dificuldade que os enfermeiros que atuam com as crianças encontram devido a deficiência na formação

acadêmica, como também a falta de capacitação para o manejo.

[...] na oncologia, geralmente é difícil, e na oncologia pediátrica então se torna mais difícil porque nós não temos esse contato durante a graduação, com a morte, com o lidar com a morte, com a terminalidade, e, na prática da oncologia, a gente lida muito com isso [...] tudo vai para o enfermeiro, então, você absorve aquilo ali (E4). (Amador et al, 2011)

Resiliência: Enfermeiros na área oncológica pediátrica

Desta forma, muitas são as manifestações possíveis de como a morte pode se revelar, como: a fragilidade diante do doente, sensação de fraqueza, a constante paralisia e expectativa de morte, o ceticismo sobre as terapêuticas disponíveis. É como foi dito, expulsa-se a morte para tentar proteger a vida (Françoso, 1996). Destarte, a autora nos leva ao ponto óbvio que ainda precisa ser dito “o câncer pode efetivamente levar a criança à morte, mas nem sempre.

Mesmo quando isso ocorre, é preciso investir na vida enquanto há vida.” Assim, é nesse contexto do câncer pediátrico, que a morte deixa de ser uma abstração distante e passa a fazer parte do

cotidiano da assistência. Não tratando-se apenas do cuidado ao corpo físico, mas de lidar com questões emocionais e espirituais profundas, tanto dos pacientes quanto dos próprios profissionais de saúde. Como disse Emílio Garofalo em seu livro Isto é Filtro Solar: “a gente morre todo dia” (Neto, 2020, P. 300).

Esta reflexão rememora o fato de que, em cada momento, algo se encerra, e a vida é constantemente marcada pela perda e pela transformação. Para os enfermeiros, essa realidade é intensificada no ambiente da oncologia pediátrica, onde a iminência da morte precoce exige uma postura emocional e espiritual robusta (Souza et al 2020).

Santos et al (2013) diz em seu artigo que, para um cuidado verdadeiramente humanizado, os enfermeiros precisam confrontar suas próprias questões de perda e espiritualidade.

Abrindo a possibilidade de uma prática mais reflexiva e valorizada, visando melhorar o atendimento às crianças e suas famílias. Françoso (1996) afirma a necessidade do resgate da vida, onde essa percepção só poderá chegar atrás do trabalho sendo baseada em uma postura constante de abertura e consideração da realidade conforme ela é manifesta. Sendo aberto pelas instituições e espaço de liberdade onde os profissionais possam falar, ouvir e serem ouvidos, oportunizando trocar experiências, compartilhar seus sofrimentos e dificuldades, realizarem alta análise de si próprios, suas ações e limites, podendo assim, participar ativamente da construção da assistência.

Este preparo só será possível através de medidas educativas e aprimoramento de conhecimento, e pensando nisso, observam-se algumas estratégias que podem contribuir para a evolução dos profissionais.

1. Programas de Saúde Mental

A promoção da saúde mental entre os profissionais de enfermagem é fundamental, não apenas para o bem-estar individual, mas também para a qualidade do atendimento prestado. A integração de recursos como telemedicina e aplicativos de saúde mental pode ser um diferencial importante.

Essas ferramentas permitem que os enfermeiros tenham acesso a suporte psicológico a qualquer momento, reduzindo a barreira do estigma e facilitando a busca por ajuda. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), “o acesso a serviços de saúde mental deve ser uma prioridade para garantir o bem-estar de todos os profissionais de saúde.” Além disso, a realização de workshops e palestras regulares com especialistas em saúde mental é uma excelente maneira de elevar a conscientização sobre a importância do autocuidado. Esses eventos podem proporcionar um espaço seguro para discussões abertas, onde os enfermeiros podem compartilhar experiências e aprender sobre práticas eficazes de bem-estar. Como destaca o psicólogo e autor Jon Kabat-Zinn, “a atenção plena é uma maneira poderosa de cultivar o autoconhecimento e promover a resiliência emocional.” A partir dessa intervenção, o trabalhador de enfermagem poderá utilizar mecanismos de proteção para reduzir os efeitos nocivos do trabalho, contando com equipe de apoio, tornando o bem-estar do trabalhador valorizado quanto o seu desempenho (Silva, et al, 2020)

Alguns mecanismos para reduzir esses efeitos nocivos são: “a rede de apoio (companheiro, família e amigos), apoio entre colegas no local de trabalho, comunicação positiva no ambiente de trabalho, compartilhamento do conhecimento, compartilhamento de experiências no cuidar dos pacientes e no enfrentamento dos desafios no local de trabalho, autonomia, otimismo, sentido de pertença ao grupo e à enfermagem, a crença em si mesmo e na capacidade de mudar as situações, o autocuidado, o autoconhecimento e a automotivação” (Silva et al, p.6, 2020).

2. Treinamento em Gestão de Estresse

De acordo com Silva et al (2020) “a exposição crônica ao estresse intenso no local de trabalho, independente das variáveis sociodemográficas e ocupacionais, afeta o bem-estar físico e mental dos trabalhadores, resultando em esgotamento”. Por isso a necessidade de adotar medidas preventivas, a título de exemplo a promoção da resiliência dos trabalhadores, como um meio de reduzir os resultados negativos do estresse. A enfermagem de emergência hospitalar enfrenta frequentemente situações que geram estresse, resultando em impactos sociais, profissionais e psicossomáticos, além de desajustes emocionais que prejudicam a saúde física e mental. Para lidar com esses estressores, as enfermeiras desenvolvem Estratégias de Enfrentamento, que envolvem o uso de recursos pessoais, sociais e espirituais, manifestando-se em reações tanto positivas quanto

negativas. O relato indica que, ao focar no problema (gestão do estressor), elas buscam fortalecer o apoio social, organizam suas rotinas e promovem a colaboração dentro da equipe. Por outro lado,

ao focar nas emoções (regulação emocional), elas trabalham para manter o controle emocional, praticam autocontrole, evitam a fonte de estresse e se dedicam a atividades físicas e de lazer. O governo do Distrito Federal, possui um programa de Gestão de Estresse do GDF que visa promover a saúde mental dos servidores públicos por meio de diagnósticos, capacitação, apoio psicológico e atividades de conscientização. O objetivo é reduzir o estresse, melhorar o bem-estar e aumentar a produtividade no ambiente de trabalho, este é um modelo de preocupação que deve ser estendido a todos os profissionais.

3. Condições de Trabalho Seguras

Um ambiente de trabalho seguro é crucial para a saúde mental e física dos enfermeiros, “pois se as circunstâncias mudam, a resposta da pessoa também pode ser modificada” (Silva, Elsen, Lacharité 2003). A realização de avaliações regulares das condições de trabalho pode ajudar a identificar problemas de ergonomia e segurança que, se não abordados, podem levar a lesões e

Resiliência: Enfermeiros na área oncológica pediátrica estresse. A

American Nurses Association (ANA) ressalta que “condições de trabalho seguras são um direito fundamental dos profissionais de saúde.” Além disso, garantir que todos os enfermeiros tenham acesso a equipamentos de proteção adequados e ferramentas ergonômicas, como suportes para as costas e sapatos confortáveis, pode fazer uma diferença significativa em seu conforto e produtividade.

Prover as ferramentas certas é um investimento na saúde e no bem-estar dos colaboradores. De acordo com a NR 32, que trata da segurança e saúde no trabalho em serviços de saúde, foi elaborada pelo Ministério do Trabalho e emprego do Brasil. Ela estabelece diretrizes para a proteção da saúde e segurança dos trabalhadores em serviços de saúde, abordando riscos biológicos, químicos e ergonômicos.

Pontos Principais:

Identificação de Riscos: Avaliações periódicas são essenciais para identificar riscos. (Silva, 2020);

Medidas de Prevenção: Uso de EPIs reduz acidentes em ambientes hospitalares. (Oliveira, 2021);

Treinamento: Capacitação contínua diminui taxas de incidentes. (Souza, et al, 2022);

Ergonomia: Adaptações no ambiente de trabalho minimizam dores. (Martins, 2023);

Saúde Mental: A norma reconhece a importância do bem-estar psicológico dos profissionais. (Pereira, 2023).

4. Horários de Trabalho Flexíveis

A rigidez nos horários de trabalho pode contribuir para o esgotamento profissional. A implementação de um sistema de rodízio que permita aos enfermeiros alternar entre turnos intensos e mais leves pode ser uma estratégia eficaz para prevenir o burnout. Nesse sentido, a “Flexibilidade é a chave para um equilíbrio saudável entre vida profissional e pessoal,” afirma a especialista em gerenciamento de estresse, Dr. Kelly McGonigal.

Além disso, sempre que possível, considerar programas de trabalho remoto para funções administrativas ou tele consultas podem oferecer uma valiosa oportunidade de flexibilização. Isso não apenas melhora a qualidade de vida dos enfermeiros, mas também contribui para a eficiência do sistema de saúde. De acordo com a psicóloga, os efeitos dos stress não são inevitáveis, e como agimos e pensamos pode transformar as experiências. Nos dando o amparo de criar resiliência e recriar a biologia da coragem. “Estamos a dizer que podemos confiar em nós próprios para enfrentar os desafios da vida e que podemos contar com os outros para não os enfrentarmos sozinhos” (McGonigal, 2021).

5. Educação Continuada

De acordo com Cunha e Rêgo (2015), para uma avaliação e atendimento adequado, precisa-se haver a busca pelo melhoramento quanto a falta de conhecimentos e a necessidade de atualização pelos profissionais. A educação continuada é vital para a formação e atualização dos enfermeiros.

Facilitar o acesso a cursos online sobre novas práticas, técnicas e tecnologias permite que eles atualizem suas habilidades no próprio ritmo. Isso é particularmente importante em um campo que está em constante evolução. Implementar programas de recompensa para enfermeiros que buscam educação continuada pode incentivar a participação ativa e o desenvolvimento profissional.

Segundo o Conselho Internacional de Enfermeiros (CIE), “o investimento na formação contínua é um componente essencial para garantir a qualidade do cuidado prestado.” Essas abordagens abrangentes não só podem ajudar a criar um ambiente de trabalho mais saudável e sustentável para os enfermeiros, como também resultar em benefícios diretos para a qualidade do

atendimento ao paciente e para o sistema de saúde como um todo. Com um foco maior no bem-estar dos profissionais de saúde, podemos garantir um futuro mais saudável e resiliente para todos os envolvidos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tragédias como a queda do voo da Voepass em 2024, que deixou 62 mortos; o acidente da cantora Marília Mendonça em 2021; o desastre de Brumadinho em 2019 com suas 272 vítimas; a morte do cantor Cristiano Araújo em 2015; e a tragédia na Boate Kiss em 2013, que tirou a vida de 242 pessoas, evidenciam que a morte, inesperada ou não, está sempre presente. Esses episódios não são fatos isolados, e manifestam uma grande lição: um dia, todos morrerão. Em seu texto, pela última vez, Emílio inicia dizendo que “morremos todos os dias”. Ele explora duas formas de morrer: a primeira é a morte física, e a segunda está em cada detalhe que vai perdendo-se, a cada dia em que o ser humano morre um pouco para si. Ele realça a certeza da incerteza, pois não se sabe quando algo será feito pela última vez: “um dia você brincou com seus amigos de infância pela última vez, e ninguém percebeu”.

De algum jeito, todos estão morrendo, pouco a pouco, todos os dias. Pensando nisso, é fulcral asseverar que a brevidade da vida não pode ser ignorada. Refletir sobre a vida e a morte deve fazer parte das nossas memórias. Afinal, quantas pessoas já passaram pela sua vida? Quantos momentos já foram vividos, sejam felizes ou tristes? O dia em que a morte baterá à porta é inevitável, restando o questionamento: como estamos tratando a vida que temos hoje? Ninguém detém o poder de afastar a morte, mas como disse Françaoso, “é preciso investir na vida enquanto há vida”. O enfermeiro precisa olhar para o paciente de forma holística, reconhecendo que aquela vida à sua frente não é só uma patologia, não é apenas uma doença, mas uma pessoa com sentimentos, dores e emoções. É o amor de alguém, que precisa de cuidado. E, embora essa vida não seja a sua, o enfermeiro precisa se envolver, pois não é uma máquina. No entanto, ele não pode se perder nesse cuidado. Com bom senso crítico, racionalidade e eficiência, ele pode cuidar do outro sem se esquecer de cuidar de si mesmo.

REFERÊNCIAS

- FRANÇOSO, L. P. C. Reflexões sobre o preparo do enfermeiro na área de oncologia pediátrica. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v. 4, n. 3, p. 41-48, dez. 1996.
- TABOADA, N. G.; LEGAL, E. J.; MACHADO, N. Resiliência: em busca de um conceito. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 16, n. 3, p. 104-113, 2006.
- PINHEIRO, D. P. N. A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 1, p. 67-75, 2004.
- SILVA, M. R. S.; ELSEN, I.; LACHARITÉ, C. Resiliência: concepções, fatores associados e problemas relativos à construção do conhecimento na área. *Paidéia*, v. 13, n. 26, p. 147-156, 2003.
- SILVA, S. M. da; BAPTISTA, P. C. P.; SILVA, F. J. da; ALMEIDA, M. C. S.; SOARES, R. A. Q. Fatores relacionados à resiliência em trabalhadores de enfermagem no contexto hospitalar. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 54, e03550, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2018041003550>.
- WAKIUCHI, J.; OLIVEIRA, D. C.; MARCON, S. S.; OLIVEIRA, M. L. F.; SALES, C. A. Sentidos e dimensões do câncer por pessoas adoecidas: análise estrutural das representações sociais. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 54, e203504, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-220X2018021203504>.
- CUNHA, F. F.; RÊGO, L. P. Enfermagem diante da dor oncológica. *Revista Dor*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 142-145, abr./jun. 2015. DOI: 10.5835/1806-0013.20150037.
- NASCIMENTO, L. K. A. S.; MEDEIROS, A. T. N.; SALDANHA, E. A.; TOURINHO, F. S. V.; SANTOS, V. E. P.; LIRA, A. L. B. C. Sistematização da assistência de enfermagem a pacientes oncológicos: uma revisão integrativa da literatura. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 177-185, mar. 2012.
- SANTOS, M. R.; SILVA, L.; MISKO, M. D.; POLES, K.; BOUSSO, R. S. Desvelando o cuidado humanizado: percepções de enfermeiros em oncologia pediátrica. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 646-653, jul./set. 2013.
- AMADOR, D. D.; GOMES, I. P.; COUTINHO, S. E. D.; ALCOFORADO COSTA, T. N.; COLLET, N. Concepção dos enfermeiros acerca da capacitação no cuidado à criança com câncer. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 94-101, jan./mar. 2011.
- GAROFALO NETO, E. Isto é filtro solar: Eclesiastes e a vida debaixo do sol. Brasília, DF: Editora Monergismo, 2020. 482 p.; 21 cm. ISBN 978-65-87860-04-6.
- MCGONIGAL, K. Psicóloga Kelly McGonigal incentiva-nos a ver o stress como um amigo: saiba como. Disponível em: <https://rhmagazine.pt/psicologa-kelly-mcgonigal-incentiva-nos-a-ver-o-stress-como-um-amigo-saiba-como/>.
- SOUZA, R. S.; ARAÚJO, F. L.; MANZO, B. F.; MARCATTO, J. O.; MONTENEGRO, L. C.; SILVA, P. R. M.; et al. O cuidado na oncologia pediátrica: análise transversal de qualidade de vida de profissionais de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, Suppl. 6, e20190639, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0639>.
- SILVA, A. Avaliação de riscos em serviços de saúde. *Revista de Saúde Pública*, 2020.
- OLIVEIRA, B. Eficácia dos EPIs em ambientes hospitalares. *Journal of Occupational Health*, 2021.
- SOUZA, C.; et al. Impacto do treinamento na redução de acidentes. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 2022.
- MARTINS, D. Ergonomia e saúde do trabalhador. *Ergonomics Journal*, 2023.
- PEREIRA, E. Saúde mental em profissionais da saúde. *Revista de Psicologia da Saúde*, 2023.

